

# Apocalípticos e interesseiros

ESTADO DE SÃO PAULO

30 SET 1990

Quando Fernando Collor de Mello assumiu a Presidência da República, *eles* fizeram pouco de seu empenho em combater o processo inflacionário que debilitava — tornando quase exangue — o organismo já frágil da economia brasileira. Como o presidente jamais deu o mínimo sinal de que poderia fraquejar em seu combate sem tréguas à corrosão do valor da moeda, passaram a duvidar da eficácia desse combate e a prever o ingresso do País na calamitosa situação hiperinflacionária. Alguns, mais radicais, chegaram a falar no monstro da hiperestagflação.

O governo federal contudo tomou medidas drásticas, muitas delas impopulares, e terminou por reduzir a taxa inflacionária de índices assombrosos, mas perigosas proximidades dos 100% ao mês, para porcentuais razoáveis, quase dez vezes inferiores aos números herdados da administração Sarney. As profecias negativas não foram confirmadas pela realidade, mas os profetas do óbvio não desistiram. *Eles* jamais desistiram. Consultaram seus manuais de receita e informaram a seu distinto público que já que a hiperestagflação não bateu à porta não havia como evitar a re-

cessão. Mas 1990 está chegando ao fim e não há nenhum sinal no horizonte de que a economia esteja paralisada ou por se paralisar.

*Eles* são os economistas, nova espécie de oráculo ganham a vida prevendo o sofrimento alheio para tirar proveito próprio. Eles nunca se fazem de rogado e não existe fato capaz de destruir qualquer um de seus argumentos. Já que a recessão não veio em 1990, eles voltam a garantir, todos devem ficar certos de que não podem por esperar: ela virá no primeiro trimestre de 1991. Enquanto o primeiro trimestre de 1991 não vier, não há quem seja capaz de desmentir estatísticas, números e índices técnicos anunciando a proximidade do fantasma recessivo que ronda o lar de cada cidadão recrutado para o esforço de construir a economia nacional.

Quando o primeiro trimestre de 1991 chegar poderá ocorrer uma das duas hipóteses: na pior delas, a recessão chegará, desembarcará nos lares brasileiros e tornará mais complicada a difícil operação da atividade econômica. Nesse caso, os economistas comemorarão seu grande tirocinio, sua grande capacidade de avisar à sociedade previamente da chega-

da da desgraça. Mas há outra hipótese, é lógico, a melhor, justamente aquela que atende aos interesses da maioria. Se essa segunda hipótese prevalecer, a atividade econômica manterá seu nível normal, o País continuará enfrentando a inflação sem afundar no poço sem fundo de uma crise de consequências impensáveis. Também nesse caso os economistas não sairão perdendo, pois farão de novo as contas e certamente chegarão à conclusão de que o processo recessivo, ou alguma tragédia semelhante, apenas foi adiado para o segundo, o terceiro ou o quarto trimestre de 1991.

Esse tipo de comportamento poderia até ser aceitável se o processo mental apocalíptico dos acadêmicos de economia, alguns deles empoleirados nos altos postos da burocracia estatal, fosse mera distorção de comportamento, capaz de ser corrigida com o recurso a algum terapeuta competente. Infelizmente, contudo, o afã profético e catastrófico desses senhores feudais do saber econômico nas universidades brasileiras não é um desvio psicótico, mas muito pelo contrário confortável e lucrativo meio de ganhar a vida sem ter de executar tarefa alguma mais penosa.

Como os políticos clientelistas, os economistas de oposição — uma categoria profissional em plena expansão no Brasil em crise — vivem das pequenas coisas, ou seja, ganham o pão de cada dia oferecendo dificuldades para prover sua clientela apavorada de facilidades. A receita do sucesso profissional deles é até simples: prevêm dificuldades econômicas porque assim melhora o mercado de um produto sob reserva de mercado profissional, isto é, os meios de sair delas.

Isso não seria tão grave se a economia brasileira não fosse um organismo frágil e sujeita à ação de elementos negativos como a desconfiança. Por enquanto, o governo tem combatido essa fragilidade com uma política de austeridade inflexível. Mas é muito difícil prever até quando isso permanecerá e qual será o dia em que as próprias profecias nefandas dos economistas acabem por ajudar a produzir as desgraças por eles previstas e que são seu principal meio de subsistência.

Ao oferecer seus serviços, esses profetas apocalípticos prestam um grande desserviço à sociedade, até mesmo àquela parcela que os sustenta.